



A celebração eucarística entre os séculos I e IV: análises sócio-discursivas

The Eucharistic celebration between the 1st and 4th centuries: socio-discursive analyzes

Jacqueline Ziroldo Dolghie⁴²²

Docente no PPG de Teologia da Faculdade Teológica Sul Americana

Éder Wilton Gustavo Felix Calado⁴²³

*Doutorando em Estudos da Linguagem na Universidade Estadual de Londrina e
Docente na Faculdade Teológica Sul Americana*

Resumo: A Eucaristia é central nas igrejas cristãs, as quais entendem que devem partilhar o pão e o vinho com os irmãos da fé, de forma semelhante ao que Jesus fez na Última Ceia. Esta celebração, ainda nos tempos bíblicos, foi se tornando mais restrita e tendo sua liturgia delineada. Este artigo tem por objetivo seguir o percurso da celebração eucarística nos primeiros quatro séculos cristãos ressaltando as modificações que aconteceram e que tornaram a celebração cada vez mais especializada e fechada. O referencial teórico utilizado é baseado em Michel Foucault em diálogo com Max Weber e Pierre Bourdieu, os quais apresentam conceitos utilizáveis na análise aqui proposta sobre os processos de institucionalização dos ritos. O objetivo é duplo: mostrar os processos de expropriação da experiência religiosa das mãos do leigo, como provocar um questionamento sobre a força da experiência institucionalizada da Eucaristia na contemporaneidade.

Palavras-chave: Eucaristia; rito; institucionalização; sacerdócio

Abstract: The Eucharist is central in Christian churches, which understand that they must share bread and wine with fellow believers, in a similar way to what Jesus did at the Last Supper. This celebration, still in biblical times, became more restricted and had its liturgy outlined. This article aims to follow the trajectory of the Eucharistic celebration in the first four Christian centuries, highlighting the changes that took place and which made the celebration increasingly specialized and closed. The theoretical framework used is based on Michel Foucault in dialogue with Max Weber and Pierre Bourdieu, who present concepts that used in the analysis proposed here on the

⁴²² Possui Licenciatura em Ciências Sociais pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) e Bacharelado em Música pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Tem Doutorado e Mestrado (Bolsista CAPES) em Ciências Sociais e Religião pela UMESP e Pós-doutorado (bolsista CAPES) no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Mackenzie. É docente no Mestrado Profissional em Teologia da Faculdade Teológica Sul Americana (FTSA).

⁴²³ Bacharel em Teologia pela Faculdade Teológica Sul Americana e licenciado em Letras Vernáculas pela Universidade Estadual de Londrina - UEL. Possui especialização em Filosofia Moderna e Contemporânea e especialização em Língua Portuguesa, ambos pela UEL. Mestre em Estudos da Linguagem e doutorando no mesmo programa (PPGEL - UEL). Professor na Faculdade Teológica Sul Americana (FTSA).

processes of institutionalization of rites. The objective is twofold: to show the processes of expropriation of the religious experience from the hands of the layman, and to provoke a question about the strength of the institutionalized experience of the Eucharist in contemporary times.

Keywords: Eucharist; rite; institutionalization; priesthood

Introdução

A Eucaristia, assim chamada, refere-se à refeição celebrada pelos diversos seguimentos cristãos, cumprindo, conforme entendimento dos cristãos, o que Jesus instituiu na chamada Última Ceia (Mateus 26:26-28, Marcos 14:22-24, Lucas 22:19-20 e 1 Coríntios 11:23-25). O nome foi atribuído ao longo dos anos, tanto é que outros segmentos a denominam Ceia, Santa Ceia, Senhor do Senhor, entre outros, conforme cada tradição e concepções teológicas atribuídas a ele. Este ritual traz forte significação da refeição judaica celebrada na Páscoa, na qual era oferecido o cordeiro pascal. Porém, apesar desta manutenção de significado, a celebração modificou-se muito ao longo do tempo, institucionalizando-se. Nesse artigo, buscamos mostrar como esse se deu este processo de institucionalização nos quatro primeiros séculos, a ponto de ser fixado de modo muito próximo ao que é concebido até os dias de hoje. Trata-se de mostrar a força da religião institucionalizada, por meio de seus discursos, práticas e agentes.

1 A Eucaristia como rito: uma perspectiva teórica

Partimos de Michel Foucault para a análise do rito eucarístico, abordando-o genealogicamente, isto é, sem compreender suas mudanças como um processo linear, ao contrário disso, um percurso cheio de conflitos reveladores das relações de poder⁴²⁴. O primeiro conceito desse autor que precisamos compreender é o de proveniência, o qual é observado por meio de marcas no discurso, as quais, aparentemente, são pontos de unificação, porém, quando remexidos revelam processos tensos e diversos, como o próprio filósofo escreve, “é descobrir que na raiz daquilo que nós conhecemos e daquilo que nós somos – não existem a verdade e o ser, mas a exterioridade do acidente”⁴²⁵.

A pesquisa que busca a proveniência não tem como intenção fundar algo, mas questionar o que se via como estabelecido. Neste trabalho, consiste em mostrar que as certezas da celebração da Eucaristia não vieram de uma verdade absoluta, mas são resultantes de processos históricos, por isso, muito diferente daquilo que se tinha nas primeiras comunidades cristãs, as quais também buscavam suas bases em bases sem solidez⁴²⁶.

Compreender as emergências, por sua vez, é justamente procurar olhar para o surgimento de algum fato, questão, embate, entre outros, tendo em mente, desde o início, que não se pode atribuir um sentido atual ao que se vê, pois se deve olhar para a série de submissões que aconteceram ao longo do tempo. A genealogia, conforme Foucault⁴²⁷, “restabelece os diversos sistemas de submissão: não a potência antecipadora de um sentido, mas o jogo casual das dominações”.

⁴²⁴ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. 22. ed. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979. p. 61.

⁴²⁵ FOUCAULT, 1979. p. 21.

⁴²⁶ FOUCAULT, 1979, p. 21-22.

⁴²⁷ FOUCAULT, 1979, p. 23.

A emergência é diferente da proveniência, pois esta é a marca deixada em um corpo, enquanto aquela se refere a um lugar de afrontamento. A emergência se produz em um determinado estado de forças, quando elas entram em cena para o embate e acontece devido ao fato de os adversários não pertencerem ao mesmo espaço⁴²⁸.

Foucault⁴²⁹ explica que a peça do teatro das emergências é sempre a mesma, uma repetição indefinida de dominadores e dominados. Todavia, esta relação de dominação vai se modificando, por isso “em cada momento da história a dominação se fixa em um ritual; ela impõe obrigações e direitos; ela constitui cuidadosos procedimentos”. Neste trabalho, as emergências são visíveis quando um novo ritual marca uma determinada dominação, isto é, novas relações de poder interferindo diretamente na prática cültica. Além disso, o fato de o teatro das emergências ser constante é o motivo de não se poder afirmar que há uma progressão, não, ao menos, linear e pacífica

A noção de acontecimento, por seu turno, consiste na inversão de forças em uma relação, um processo que se dá pela renovação da vontade de potência (a força que move os seres humanos) e ao acaso. Nisso, um poder é confiscado, um vocabulário é retomado utilizado contra os que o utilizavam anteriormente. Com isso, há o enfraquecimento de uma dominação, ao mesmo tempo outra que faz sua entrada, “mascarada”. “As forças que se encontram em jogo na história não obedecem nem a uma destinação, nem a uma mecânica, mas ao acaso da luta”⁴³⁰.

O acontecimento é uma marca da “história efetiva”, pois nela não há espaço para a explicação metafísica, para a crença em um caminho organizado, em um percurso coordenado, ao contrário disso, vivemos “em miríades de acontecimentos perdidos”⁴³¹. Isso não é diferente na história da celebração da Eucaristia, pois as mudanças, muitas e muitas vezes, foram resultados de inversões de forças, com aquilo que não poderia ser dito antes passando a ser a regra do momento. Por isso, conforme a institucionalização da igreja ocorre, seu poder, antes periférico, passa a dominar e ditar as regras do jogo, inclusive da celebração da mesa, tornando-a cada vez mais especializada.

Foucault também apresenta outros conceitos relevantes para este trabalho em obra importante obra, *A ordem do discurso*⁴³², dos quais destacamos a chamada função autor, ritual, doutrina e apropriação social do discurso, utilizadas aqui.

O primeiro, a chamada função autor, está relacionado ao fato de o autor ser entendido “como princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como foco de sua coerência”⁴³³. Nesse sentido, o autor é aquele que limita o discurso a partir do jogo da identidade, de forma individualizada, ou seja, o autor limita o discurso atribuindo a ele uma identidade. Foucault explica: “será a partir de uma nova posição do autor que recortará, em tudo o que poderia ter dito, em tudo o que diz todos os dias, a todo momento, o perfil ainda trêmulo de sua obra”⁴³⁴. Este é

⁴²⁸ FOUCAULT, 1979, p. 23-24.

⁴²⁹ FOUCAULT, 1979, p. 24-25.

⁴³⁰ FOUCAULT, 1979, p. 28.

⁴³¹ FOUCAULT, 1979, p. 29.

⁴³² FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 18. ed. São Paulo: Loyola, 2009.

⁴³³ FOUCAULT, 2009, p. 26.

⁴³⁴ FOUCAULT, 2009, p. 29.

um procedimento interno de regulação, pois o próprio discurso o regula a partir de um recorte, de um acaso⁴³⁵.

Os demais conceitos particularmente importantes para a análise que fazemos pertencem aos chamados procedimentos que condicionam o funcionamento do discurso, aqueles que selecionam os sujeitos que falam, ou seja, aqueles que limitam a entrada dos sujeitos ao discurso em questão⁴³⁶.

O primeiro deles é o do ritual, no qual se tem a forma mais visível dos sistemas de restrição. É o ritual que define a qualificação de quem fala, que tipo de enunciados devem formular, os gestos, comportamentos e circunstâncias, além de fixar “a eficácia suposta ou imposta das palavras, seu efeito sobre aqueles aos quais se dirigem, os limites de seu valor de coerção”⁴³⁷. É por isso que somente o sacerdote pode conduzir o ritual, seja o da Eucaristia ou outro, que também foram centralizados nas mãos deles. No caso da Eucaristia, tanto para conduzi-la quanto para formular doutrinas válidas a seu respeito, é preciso ser autorizado, instituído para isso. Esses primeiros séculos do cristianismo apresentam o início deste processo de institucionalização nas comunidades cristãs.

A doutrina é o segundo conceito importante para nós, ela é um procedimento que questiona tanto o enunciado quando o sujeito que fala, de forma mais específica, o sujeito é questionado a partir do enunciado, pois a exclusão e a rejeição entram em jogo quando o sujeito formula enunciados inassimiláveis, Conforme Foucault⁴³⁸, “a heresia e a ortodoxia não derivam de um exagero fanático dos mecanismos doutrinários, elas lhes pertencem fundamentalmente”.

Devido aos questionamentos, a doutrina funciona como um sinal de pertença, porque liga indivíduos a enunciados, conseqüentemente, proibindo que ele se filie a outros: “A doutrina realiza uma dupla sujeição: dos sujeitos que falam aos discursos e dos discursos ao grupo, ao menos virtual, dos indivíduos que falam”.⁴³⁹

O último conceito foucaultiano caro aqui é a apropriação social do discurso, a qual consiste no mecanismo político de manter ou modificar os discursos, ou seja, a instituição utiliza do sistema de educação, a fim de manter as relações de poder a seu favor⁴⁴⁰. Nos casos abordados neste artigo, este procedimento é visível nos usos das catequeses para ensinar os novatos da fé sobre a Eucaristia. Além disso, as catequeses passaram a ser requisitos para que se pudesse participar da celebração. Desta forma, a educação foi um mecanismo para manutenção do discurso eucarístico, bem como uma exigência para se participar do ritual.

Dos três procedimentos aqui destacados, dois estão nitidamente presentes na tipologia sacerdotal de Max Weber, enquanto o terceiro é mais bem explorado por Pierre Bourdieu, em sua releitura da sociologia da religião weberiana. Em um esforço de síntese, é possível afirmar que, para Weber⁴⁴¹, o sacerdócio é exercido a partir da comprovação de um saber qualificado, na prática dos serviços regulares de culto, no

⁴³⁵ FOUCAULT, 2009, p. 21.

⁴³⁶ FOUCAULT, 2009, p. 37.

⁴³⁷ FOUCAULT, 2009, p. 39.

⁴³⁸ FOUCAULT, 2009, p. 42.

⁴³⁹ FOUCAULT, 2009, p. 43.

⁴⁴⁰ FOUCAULT, 2009, p. 44.

⁴⁴¹ WEBER, Max. *Economia e sociedade*. V. 1. Brasília: UnB, 2000.

vínculo profissional com a instituição religiosa e na difícil e delicada mediação entre as demandas leigas e a doutrina institucional.

Em relação a doutrina, Weber esclarece que a prática sacerdotal tem um tipo de saber específico, que distinguem os sacerdotes “Como capacitados por seu saber específico, sua doutrina fixamente regulada e sua qualificação profissional”⁴⁴². Em outras palavras, o sacerdote é aquele que detém um conhecimento doutrinário específico e é encarregado da manutenção doutrinária da instituição religiosa.

Em relação a prática do culto, o autor declara que o sacerdote é destinado “ao exercício regular de culto, vinculado a determinadas normas, a determinados tempos e lugares e que se refere a determinadas associações. Não há sacerdócio sem culto”⁴⁴³.

A expressão “não há sacerdote sem culto” é uma máxima que precisa ser levada em conta. Ou seja, o culto caracteriza a atividade do sacerdócio, que, por sua vez, deve dispor de seu conhecimento e desenvolver a habilidade para manter todos os processos ritualísticos dentro de “determinadas normas”. Neste último ponto encontramos a presença institucional, o *locus* de atuação do sacerdote: os templos e lugares de culto.

Para o sacerdote as associações religiosas não são simples espaços institucionalizados da religião. Na concepção weberiana, a relação econômica com as instituições é que revela um caráter social de fundamental importância para entendermos os limites e desafios essa atuação: “denominam-se sacerdotes os funcionários de uma empresa permanente, regular e organizada, visando a influência sobre os deuses”⁴⁴⁴.

É preciso, uma vez constatados os elementos que formam a tipologia sacerdotal, lembrar que toda concepção weberiana do que seja o sacerdócio, e suas formas de atuação, está ancorada na sua teoria da dominação religiosa. A dominação é um tipo de poder que se distingue de tantos outros pelos tipos de legitimidade dos dominados. Falar de sacerdócio, portanto, é falar de um tipo de poder religioso: o sacerdócio é um tipo de dominação religiosa⁴⁴⁵, o qual, por sua vez, está vinculada diretamente às normas institucionais. Nesse ponto a intersecção com Bourdieu é salutar, pois esse autor revisita a sociologia da dominação de Weber e explora a luta e os conflitos entre os vários agentes do campo religioso no *locus* institucional.

Na esteira da discussão weberiana, sobre a institucionalização da religião, a ideia de Bourdieu é que à medida que as sociedades ou grupos se complexificavam, a produção religiosa foi sendo expropriada das mãos do indivíduo comum – o leigo- para se tornar uma produção especializada de um grupo específico - o clero, os especialistas da religião⁴⁴⁶. Ou seja, quanto mais sacerdotal é a produção religiosa – que deve ser entendida desde a produção das doutrinas, como de ritos e costumes – mais especializada ela se torna.

Esse arcabouço teórico faz parte da sociologia da religião que Bourdieu desenvolve, tendo como concepção central o entendimento da religião como produtora de bens simbólicos, cuja discussão central está na luta pela manutenção do monopólio

⁴⁴² WEBER, 2000, p. 294.

⁴⁴³ WEBER, 2000 p. 295.

⁴⁴⁴ WEBER, 2000, p. 294.

⁴⁴⁵ Max Weber, em sua obra “Economia e Sociedade”, no capítulo V, intitulado Sociologia da Religião, traça três tipos de dominação religiosa - o sacerdote, o profeta e o mago – e faz uma análise comparativa entre elas. (2000, p. 294-310).

⁴⁴⁶ BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1987, p. 33.

da produção religiosa⁴⁴⁷. Mas a produção religiosa, com toda complexidade que envolve esse processo, só tem sentido se houver consumo religioso, o qual deve ser entendido como a interiorização das doutrinas e das práticas da instituição religiosa. Novamente doutrina e rito estão no foco da análise. Aqui encontramos uma relação com o terceiro procedimento supracitado de Foucault. A “apropriação social do discurso” se relaciona com o consumo dos bens religiosos ofertados pela instituição. Os espaços legítimos para isso podem ser desde o culto, que fomenta a interiorização dos ritos, até as instâncias educacionais, que têm por finalidade perpetuar a doutrina. Sobre o espaço educacional, enquanto uma instância de legitimação e consagração, Bourdieu declara:

Com efeito, uma das características próprias da ação pedagógica institucionalizada (...) reside no poder de comandar a prática tanto ao nível inconsciente – através dos esquemas constitutivos do habitus cultivado – como ao nível do consciente, através da obediência a modelos explícitos. ⁴⁴⁸

Podemos pensar então que o culto – o local do ritual – como o ensino- o lugar da educação - contribuem diretamente para o consumo religioso, pois, pela oferta exclusiva de um tipo de bem religioso, fomentam a inculcação da doutrina e das práticas institucionais. Esses espaços são instâncias legítimas da reprodução e consagração religiosa, cuja dominação sacerdotal contribuiu diretamente como uma espécie de chancela. No caso do culto, o sacerdote atua de forma contundente, sendo esse um espaço se sua máxima atuação profissional. Mas também nas instâncias educacionais o sacerdote pode cumprir importante papel, em forma de atuação pedagógica. Entendemos que há, em qualquer um dos espaços citados, uma dupla legitimação: espaço e indivíduo se legitimam mutuamente.

Em suma, ao falar de uma fixação ritualística da Eucarística, em um recorte temporal histórico tal como nos propomos fazer, e a partir da perspectiva que estamos abordando, é preciso levar em conta os processos internos ao campo religioso que contribuíram para o modelo fixado. Como algo transversal a todos os processos estão os interesses de grupos distintos, bem como a luta pelo poder religioso, que se faz pela legitimação conferida tanto aos produtores, quanto ao produto criado, o que Bourdieu denominou de “efeito de consagração”⁴⁴⁹.

É a partir dos pressupostos teóricos explanados que cabe então, seguirmos agora com a trajetória histórica da evolução da celebração eucarística, para verificarmos como esse rito foi se institucionalizando o longo do tempo.

2 A celebração eucarística nos quatro primeiros séculos

A refeição comunitária é celebrada pelos cristãos desde o início da igreja, antes dos escritos bíblicos. Os cristãos deste período se baseavam naquilo que ouviam e aprendiam com outras pessoas daquilo que teria Jesus feito na chamada Última Ceia. Com o passar do tempo, houve a necessidade de se registrar este evento de Jesus com

⁴⁴⁷ BOURDIEU, 1987, p.45, 46.

⁴⁴⁸ BOURDIEU, 1987, p. 125.

⁴⁴⁹ BOURDIEU, 1987, p. 46.

seus discípulos na noite em que foi traído e preso⁴⁵⁰. Esse registro servia, ao mesmo tempo, para animar os cristãos, principalmente os novos, pois a primeira geração estava morrendo e a volta de Jesus não acontecia, e/ou para exortar, como é o caso do texto paulino de 1 Coríntios 11⁴⁵¹. Além da diferença de propósito e público, os diferentes relatos transmitem tradições de locais diferentes (duas tradições ou três se se João 6:51 for levada em consideração)⁴⁵² das comunidades cristãs do primeiro século. Os próprios aspectos textuais que permitem tal observação, são eles: 1) a ruptura nos textos, marcando seus inícios (Mc 14:22; 1Co 11:23, por exemplo); 2) o aspecto repetitivo do texto, transmitindo uma instrução; 3) as exclamações aos participantes: “tomai”, “comei”, “bebei” etc.; 4) presença de paralelismos no texto; 5) roupagem semítica ou helenística, os textos paulinos apresentam roupagem semítica, o que indica sua origem nas comunidades cristãs mais antigas; 6) na mesma linha, em Paulo se vê a chamada *paradosis*, a transmissão de algo recebido de alguém: “eis o que eu recebi do Senhor Jesus” (1Co 11:23). Esses aspectos mostram que a tradição tem origem “no homem histórico Jesus”, mas a forma “recebi do Senhor”, de Paulo, faz alusão ao Senhor exaltado, significado que perpassou a tradição⁴⁵³.

Essas diferenças mostram que Paulo e Lucas seguiam um modelo mais antigo, uma herança da celebração das sinagogas, a qual separava pão e cálice, um antes e outro depois da refeição. Os relatos de Marcos e de Mateus, por sua vez, juntam os eventos pão e cálice em um paralelismo litúrgico certamente posterior⁴⁵⁴. Esta refeição na qual o pão e o vinho eram partilhados, denominada ágape, então, foi deslocada para o início da celebração, algo certo no segundo século, mas que provavelmente tenha ocorrido em algumas comunidades nos tempos do Novo Testamento⁴⁵⁵. O texto de 1 Coríntios 11 transparece justamente isso, que a refeição antecedia a celebração do pão, sendo possível a exclusão dos mais pobres desta primeira parte, por isso a exortação de Paulo⁴⁵⁶.

Apesar de não aprofundado, o livro de Atos dos Apóstolos apresenta diversos relatos das práticas das comunidades cristãs, úteis para se observar a Eucaristia nas primeiras comunidades cristãs. Em Atos 2:42-46, trecho que apresenta o dia a dia da comunidade cristã, o compartilhar do pão não aparece como um rito isolado, e sim como parte da vida eclesial. É importante frisar que não há consenso entre os estudiosos sobre o relato ser a respeito de uma celebração em si ou sobre hábitos da vida da comunidade no dia a dia.

A passagem de Atos 20 aponta para a associação de um elemento novo à celebração da mesa. É um texto sobre uma longa pregação de Paulo, em Trôade, no

⁴⁵⁰ Os textos instituidores da Eucaristia são Mateus 26:26-28, Marcos 14:22-24, Lucas 22:19-20 e 1 Coríntios 11:23-25, alguns estudiosos adicionam João 6:51, pois nele Jesus se apresenta como pão. A leitura de tais textos é útil para a compreensão deste artigo.

⁴⁵¹ BROWN, Raymond E. *Introdução ao Novo Testamento*. Trad. Paulo F. Valério. São Paulo: Paulinas, 2004. (Coleção Bíblia e história. Série Maior). p. 58.

⁴⁵² BROWN, 2004, p. 711.

⁴⁵³ BROWN, 2004, p. 711.

⁴⁵⁴ BETZ, Johannes. Fundamentos de dogmática histórico-salvífica: A igreja: 5 – Eucaristia: Ministério Central. FEINER, Johannes; LOEHRER, Magnus (ed.). *Mysterium Salutis*. Volume IV/5. Petrópolis: Vozes, 1977. p. 10-11.

⁴⁵⁵ PERROT, Charles. A Eucaristia no Novo Testamento. BROUARD, Maurice (org.). *Eucharistia*: enciclopédia da eucaristia. Trad. Benôni Lemos. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2007.

⁴⁵⁶ Gerd Theissen aborda este problema de forma na obra: THEISSEN, Gerd. *Sociologia da cristandade primitiva*: estudos. Trad. Ivoni Richter Reimer; Haroldo Reimer. São Leopoldo: Sinodal, 1987.

qual há um relato de milagre – a ressuscitação de um jovem que morreu durante a pregação ao cair da janela do local. Para Audazábal⁴⁵⁷, toda a passagem é eucarística desde seu início, porque o texto fala que de uma reunião, no primeiro dia da semana, para a fração do pão. O elemento novo observado na passagem é pregação de Paulo, antecedendo o partir do pão. Esse novo elemento do sermão foi entendido posteriormente como a liturgia da palavra, que foi cada dia mais presente na celebração, até que, no século II, ela já estava bem consolidada.

Tanto a liturgia da palavra quanto a refeição ágape, provavelmente, derivam do costume judaico da sinagoga, centrado nas escrituras, na oração e na ceia pascal. As mudanças se deram quanto à ordem, a refeição passou a anteceder as demais partes e a fração do pão e do vinho foram juntadas⁴⁵⁸.

Diferentemente da Páscoa Judaica realizada uma vez ao ano, a celebração cristã era feita semanalmente, aos domingos (o primeiro dia da semana, At 20): “O domingo tem uma forte carga de intenção teológica, pela superação do sábado judeu e pela lembrança viva da ressurreição do Senhor”. Além disso, a Eucaristia era muito mais do que uma refeição fraternal, “trata-se da ‘ceia do Senhor’, na qual entram em ‘comunhão com o corpo e sangue do Senhor’”⁴⁵⁹.

A partir do conceito foucaultiano de proveniência, é perceptível que os costumes de orar e compartilhar a palavra durante à mesa são uma herança da sinagoga judaica, uma marca mantida pelos cristãos. Como ruptura, por outro lado, há algumas de significação profunda para os cristãos, é o caso de a celebração ser semanal, no primeiro dia da semana, além de acontecer nas casas. A celebração aos domingos rompe com a prática judaica de guardar o sábado; domingo é o dia da ressurreição de Jesus. Referente à celebração acontecer em casas, é possível ter uma explicação contextual, pois celebrá-la em outro lugar seria muito difícil.

Outros documentos antigos trabalham a celebração e a Eucaristia devido à sua centralidade para a fé cristã. O primeiro abordado aqui é A *Didaché*, também chamada de *Doutrina dos Apóstolos*, escrita, provavelmente, no final do século I, e que compila os ensinamentos dos primeiros cristãos, apresenta uma liturgia embrionária, porém relevante para a compreensão da Eucaristia entre o primeiro e o segundo século. É neste documento, e nos escritos de Inácio de Antioquia, que o nome da celebração passa a ser “Eucaristia”, remetendo à ação de graças de Jesus (este termo não é usado nos textos do Novo Testamento). Na *Didaché*, a Eucaristia é tratada em três capítulos (nove, dez e quatorze). O nove dá instruções sobre a Eucaristia, o dez versa sobre a ação de graças depois da ceia e o quatorze sobre a santificação pelo domingo da Eucaristia.

No comentário ao capítulo 9, Zilles⁴⁶⁰ escreve que é muito difícil compreender a Eucaristia a partir dos capítulos 9 e 10 da *Didaché*, pois é difícil afirmar se o texto trata de uma ação sacramental da igreja ou de um simples ágape com oração. Para Zilles, como o capítulo 7 aborda o batismo, o oito o jejum e a oração do Pai-Nosso, aparentemente o capítulo 10 indica tratar de uma Eucaristia sacramental.

⁴⁵⁷ AUDAZÁBAL, José. *A Eucaristia*. Trad. Lúcia Mathilde Endlich Orth. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 24.

⁴⁵⁸ AUDAZÁBAL, 2012, p. 28-29

⁴⁵⁹ AUDAZÁBAL, 2012, p. 29.

⁴⁶⁰ ZILLES, Urbano (trad.). *Didaché: catecismo dos primeiros cristãos*. Introdução, tradução do original grego e comentário de Urbano Zilles. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1983. p. 63.

Interessantemente, as orações da Didaché apresentam o uso do termo, de origem judaica, *amém*, o qual expressa que as palavras do outro também valem para mim. O *amém* é um sim confirmatório do que foi dito, bem como o sim da igreja reunida em assembleia. Este *amém* era proveniente das sinagogas judaicas e foi assimilado pelos cristãos. Esta seria a aclamação litúrgica mais importante ao final da Eucaristia⁴⁶¹.

No capítulo 14 da Didaché, é enfatizado que a Eucaristia deve ser celebrada no “dia do Senhor”, domingo. Algo proveniente dos textos do Novo Testamento, por exemplo Atos 20:7, no qual Paulo se reúne com a comunidade de Trôade para a fração do pão (ceia). Este é o dia da ressurreição, para os cristãos, o marco de um novo começo, quando o cordeiro de Deus tira o pecado do mundo por meio de seu sangue⁴⁶². Como a ruptura com o sábado judeu consiste em algo muito drástico, é perceptível a mudança nas relações de poder, um abalo ao menos, pois um acontecimento inverteu as relações.

Quanto à organização da celebração, a Eucaristia da Didaché é formada por dois ritos eucarísticos, um no começo e outro no fim. No começo, há duas orações de ação de graças, uma sobre o pão e outra sobre o cálice. No final, depois da consumação dos elementos, há uma oração de ação de graças, maior, contendo os motivos da celebração, que possivelmente seja a atualização cristã da oração de ação de graças do rito judaico⁴⁶³. Mazza⁴⁶⁴ afirma que a Didaché apresenta um dos estágios mais arcaicos da celebração da Eucaristia, todavia, apresenta todos os elementos que formarão as orações eucarísticas posteriores:

Do ponto de vista histórico literário, isto é, do ponto de vista de sua correspondência à estrutura e à função dos elementos contidos nas narrações neotestamentárias da última Ceia, podemos concluir que a Didaché representa um dos estágios arcaicos da celebração eucarística, uma vez que ela se apresenta como realização do mandamento de Cristo: “Fazei isto em memória de mim”. Do ponto de vista da teologia eucarística, que evidentemente se formou em tempo posterior a esse texto, devemos reconhecer que não temos elementos para afirmar que se trata do sacramento da Eucaristia. Uma vez que este estudo que ser histórico, é evidente que consideramos a Didaché sob o aspecto da celebração que deseja ser fiel ao mandamento do Senhor.

Os textos da Didaché são relevantes por expressarem muito de como era celebrada a Eucaristia nas primeiras comunidades cristãs. Esses textos ressaltam o que o livro de Atos dos Apóstolos traz. Até o momento, constatamos que a Eucaristia das primeiras comunidades cristãs ainda reproduzia muito da refeição Pascal dos judeus, mas com a celebração do pão e do vinho já ocupando um lugar separado, após a refeição ágape e da liturgia da palavra. Um destaque é a oração de ação de graças, tão importante e que influenciou diretamente o uso do nome Eucaristia. Juntamente a este fato, o fato de a celebração acontecer no “dia do Senhor”, domingo, também é um

⁴⁶¹ ZILLES, 1983, p. 67.

⁴⁶² ZILLES, 1983, p. 77-78.

⁴⁶³ MAZZA, Enrico. Da Ceia do Senhor à Eucaristia da Igreja. BROUARD, Maurice (org.). *Eucharistia*: enciclopédia da eucaristia. Trad. Benôni Lemos. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2007. p. 121.

⁴⁶⁴ MAZZA, 2007, p. 122.

elemento marcante, pois rompe com a lei judaica da observância do sábado. Assim, pensando na teorização de Foucault⁴⁶⁵, podemos falar na proveniência dos traços judaicos, a emergência de novos atores e novos acontecimentos.

Nos três séculos seguintes houve muita contribuição para a liturgia da Eucarista, bem como para a teologia dela. Como este trabalho foca-se na celebração, as contribuições teológicas não serão aqui trabalhadas, somente mencionadas, quando necessário, para o entendimento da mudança na celebração.

O primeiro nome a quem damos destaque é o de Inácio de Antioquia (entre 30 e 35 até entre 98 e 107), o qual viveu entre os dois primeiros séculos. Ele foi autor de sete cartas, escritas durante sua viagem como prisioneiro a Roma, onde foi martirizado. Nos escritos de Inácio aparece uma hierarquia sacerdotal, tendo o bispo como a figura central na igreja local. Com isso, os sacramentos só podiam ser oficiados com autorização do bispo⁴⁶⁶. Logo, a pessoa só estava unida a igreja por meio dos sacramentos, oficiados pela igreja, representada pelo corpo clerical. Um exemplo disso está na carta escrita a Esmirna (capítulo 8), na qual ele escreve: “Por legítima seja tida tão-somente a Eucaristia, feita sob a presidência do bispo ou por delegado seu. Onde quer que se apresente o bispo, ali também esteja a comunidade, assim como a presença de Cristo Jesus também nos assegura a presença da Igreja Católica”⁴⁶⁷.

Em Inácio, a Eucaristia é o que permite entender o mistério de Cristo e da Igreja, por isso ele a chama de “dom de Deus”, “remédio de imortalidade”, “corpo e sangue de Cristo”. Nesse sentido, a Eucaristia é a “concretização da unidade eclesial”, ou seja, “Eucaristia e Igreja são duas realidades intimamente relacionadas”⁴⁶⁸. Aqui a relação da dupla legitimação – sacerdócio e igreja – faz-se nitidamente presente. A Eucaristia revela e expressa, concomitantemente, o monopólio da produção religiosa por um corpo de especialistas da religião, que, por sua vez, sendo o encarregado da execução dos ritos, gera a interiorização da ideologia institucional - doutrina. Tais são as prerrogativas que mostram a expropriação leiga no rito da Eucaristia.

Em Inácio, observando os conceitos foucaultianos, podemos entender que a ênfase na relação entre Eucaristia e a vida eclesial representa a emergência de um discurso, afinal, havia um motivo para uma refeição, até então, “doméstica” precisar estar debaixo de uma organização. Trata-se de uma exigência de pertencimento, de fechamento dentro de um grupo, de pertencimento a um ritual, presidido por alguém autorizado a fazê-lo. Caso não acontecesse assim, não seria uma celebração legítima, porque não estaria ligado ao corpo eclesial. Como as palavras de Inácio, desde o início tiveram grande importância, é possível vermos aqui um embrião do processo de institucionalização da igreja e da Eucaristia, por mais distante que isso ainda estivesse de acontecer.

Otras grande contribuição para a teologia e celebração eucarística vem de Justino, conhecido como Justino Mártir (entre 100 e 165), cristão do segundo século, nascido em Samaria, mas não judeu, de família helênica. Para Audazábal⁴⁶⁹, seu

⁴⁶⁵ FOUCAULT, 1979.

⁴⁶⁶ GONZALÉS, Justo L. *Uma história do pensamento cristão: dos primórdios ao Concílio de Calcedônia*. vol. 1. Trad. Paulo Arantes. São Paulo: Cultura Cristã, 2015. p. 74.

⁴⁶⁷ INÁCIO de Antioquia. *CARTAS DE SANTO INÁCIO DE ANTIOQUIA*. Compilado e editado por Fraternidade Nossa Senhora do Bom Sucesso. Disponível em <https://docero.com.br/doc/neo0cxo>, acessado em 20/07/2021.

⁴⁶⁸ AUDAZÁBAL, 2012, p. 140.

⁴⁶⁹ AUDAZÁBAL, 2012, p. 141.

testemunho a respeito da Eucaristia é o mais importante do segundo século, tanto para a fenomenologia como para a teologia eucarística, aparecendo nos capítulos de 65 a 67 da *Apologia* e em *Diálogo com Trifão*, um diálogo polêmico com um judeu, no qual aparece o tema eucarístico⁴⁷⁰. Os textos da *Apologia* versam sobre a estrutura da celebração da Eucaristia, o capítulo 65 sobre a Eucaristia depois do batismo e o 67 sobre a Eucaristia dominical.

Os textos de Justino apresentam grande desenvolvimento na celebração da Eucaristia, já em meados do segundo século. Neles, os cristãos se reúnem em um único lugar, sob a presidência de um bispo, no domingo. Eram lidos os textos sagrados (o cânone do AT e os textos dos apóstolos, ainda não canônicos), havia uma homilia e as orações, em seguida era celebrada a Eucaristia em torno da mesa. Para celebração, eram trazidos os elementos, vinho, pão e água (o vinho misturado com água, provavelmente por ser de teor muito forte). O presidente fazia uma grande oração de ação de graças, respondida por um amém coletivo. Após isso, os diáconos distribuían os elementos para a comunhão, aos presentes, depois os levavam aos ausentes⁴⁷¹.

Um ponto de grande destaque na celebração de Justino é que nele começa a se formar a oração eucarística (posteriormente chamada de anáfora), “seu conteúdo pode ser conhecido em parte pela alusão que Justino faz no Diálogo com Trifão: graças são dadas ao Pai ‘porque fomos feitos dignos destas coisas’, ‘por ter criado o mundo e tudo que há nele por amor ao ser humano’, ‘por ter-nos livrado da maldade’”⁴⁷².

Ligado à sua pastoral, para Justino, a Eucaristia é parte da vida da comunidade, por isso, ele estabelece condições prévias para participar da celebração: “crer, ser batizado e viver de acordo com Cristo”⁴⁷³.

Tanto as condições prévias para a celebração quanto a presidência de um bispo e o trabalho dos diáconos e leitores evidenciam a institucionalização crescente da celebração eucarística. Com isso, entendemos, há a emergência contínua de um poder, o qual dita regras do ritual e quem pode participar dele, oficiando ou recebendo; é justamente o teatro da emergência dito por Foucault⁴⁷⁴. Para ele, a dominação se fixa em um ritual, no qual se “impõe obrigações e direitos; ela constitui cuidadosos procedimentos”, isto é, as regras atestam a dominação.

Grande contribuição também dá Hipólito de Roma (entre 170 – 266), a quem é atribuída o mais completo tratado sobre a vida litúrgica no século II e III, a chamada *Tradição Apostólica*⁴⁷⁵. Esta obra apresenta uma grande preocupação com a ortodoxia, por isso, quanto à Eucaristia, ele dá um modelo de oração que é um exemplo de criatividade e que serve para assegurar a ortodoxia, a qual foi adaptada como oração eucarística II do Missal Romano⁴⁷⁶. Na oração eucarística de Hipólito de Roma se encontram “três fatos que são muito importantes na história da Eucaristia”: 1) a aparição da invocação do Espírito Santo (epiclese), o que se tornou típico até os dias

⁴⁷⁰ JUSTINO, Mártir, Santo Justino de Roma. *I e II apologias; Diálogo com Trifão*. São Paulo: Paulus, 1995. (Patrística).

⁴⁷¹ AUDAZÁBAL, 2012, p. 141-142.

⁴⁷² AUDAZÁBAL, 2012, p. 143.

⁴⁷³ AUDAZÁVEL, 2012, p.144.

⁴⁷⁴ FOUCAULT, 1979, p. 25.

⁴⁷⁵ HIPÓLITO DE ROMA. *Tradição Apostólica de Hipólito de Roma: liturgia e catequese em Roma no século III*. Trad. Maria da Glória Novak. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1981.

⁴⁷⁶ Por questão de espaço, a oração de Hipólito não foi transcrita. Mas ela está disponível na obra *Tradição Apostólica*, na Parte II, 12.

atuais; 2) no prefácio, a substituição dos termos da ação de graças por um texto narrativo que descreve a obra da salvação realizado por Jesus; e 3) no fim do prefácio, a aparição do relato da Última Ceia como narração da instituição da Eucaristia⁴⁷⁷.

Os escritos de Hipólito foram responsáveis por modificações ocorridas posteriormente na celebração da Eucaristia. Com isso, entendemos a presença da chamada função autor, pois é estabelecido um recorte na teologia de até então e é criado um ponto de partida para o que se veio nos anos seguintes. Nisso, a doutrina é estabelecida, ou seja, o saber acumulado de um grupo que controla o discurso. Esse saber é o que pode ser transmitido, pois é o verdadeiro, o legitimado. Assim, como a oração de Hipólito é a oração eucarística, suas afirmações doutrinárias são as verdadeiras, outras palavras não podem ser aceitas e difundidas. Nisto nos aproximamos das análises supracitadas de Foucault, Weber e Bourdieu.

Outra contribuição importante foi a de Cirilo de Jerusalém (313 a 386), que escreveu catequeses mistagógicas, as quais versam sobre a Eucaristia, ensinando-a aos novos cristãos. A obra de Cirilo é exatamente intitulada *Catequeses Mistagógicas*⁴⁷⁸ e versa sobre a Eucaristia em sua quarta e quinta catequese. Esta última contém uma descrição da celebração, explicada por Audazábal⁴⁷⁹ em três pontos: 1) quanto ao lavabo da missa, Cirilo mostra seu sentido simbólico, ou seja, é importante que o sacerdote lave as mãos, para que se limpe de todos os pecados e iniquidades (V, 2); 2) Cirilo é o primeiro a incluir a aclamação de louvor na oração, com o povo reiterando a fala do presidente da celebração (V, 6); e 3) quanto à não recepção da comunhão com a mão aberta, como mostra o verso V, 21:

Ao te aproximares [da comunhão], não vás com as palmas das mãos estendidas, nem com os dedos separados; mas faze com a mão esquerda um trono para a direita como quem deve receber um Rei e no côncavo da mão espalmada recebe o corpo de Cristo, dizendo: “Amém”. Com segurança, então, santificando teus olhos pelo contato do corpo sagrado, toma-o e cuida de nada se perder.

Os textos de Cirilo se encaixam no procedimento interno de controle do discurso denominado “apropriação social do discurso”⁴⁸⁰. Isso, porque consistiram em “sistemas de educação”, ensinando os novatos a como proceder, o que deveriam defender, como perpetuar e regulando quem poderia participar. Essa é a função da catequese: introduzir alguém à fé, aos ritos, por meio de um processo educacional.

Outros importantes nomes da igreja antiga também versaram sobre a Eucaristia, mas quanto à teologia em si, a saber, a respeito da presença real, porém nosso foco aqui é permanecer na celebração e em implicações em torno dela. Todavia, as concepções teológicas implicaram diretamente na celebração, inclusive a centralização sacerdotal se deve, também, a ser este o único autorizado e capacitado a consagrar os elementos, tornando-os corpo e sangue de Jesus.

⁴⁷⁷ MAZZA, 2007, p. 122.

⁴⁷⁸ CIRILO de Jerusalém. *Catequeses Mistagógicas*. Arquidiocese Ortodoxa de Buenos Aires. Disponível em: https://www.ecclesia.com.br/biblioteca/pais_da_igreja/s-cirilo-de-jerusalem-catequeses-mistagogicas.html. Acessado em 20/07/2021.

⁴⁷⁹ AUDAZÁBAL, 2012, p. 160.

⁴⁸⁰ FOUCAULT, 2009. p. 44.

Quanto à celebração, os quatro primeiros séculos já apresentam os rumos que a celebração eucarística iria tomar, os da institucionalização. Os séculos seguintes, principalmente o medievo católico fecharam ainda mais a participação do leigo na celebração, sendo ele apenas recebedor e consumidor.

Considerações finais

Como vimos, a Eucaristia teve sua forma ritualística fixada até o quarto século, um processo ampliado nos séculos seguintes. Essa fixação ocorreu de forma gradativa à medida que as experiências comunitárias originais, que foram apresentadas por relatos textuais, e, portanto, sempre são uma seleção de fatos, foram gradativamente se tornando um produto religioso de especialistas religiosos.

A marca do sacramento pode ser entendida a partir de análise filosóficas e sociológicas, com as que trazemos este artigo, mas, acima de tudo o objeto – a Eucaristia – mostra a força da consagração do discurso e da práxis religiosa baseada na legitimação da exclusividade clerical/institucional na condução dessa experiência religiosa, ainda hoje. Entre todas as novidades do campo religioso, como por exemplo, a importância e crescimento das atividades dos leigos, e as novas formas de comunidades cristãs, a Eucaristia ainda se faz presente, como um rito que requer o desempenho sacerdotal. Ou seja, esse sacramento ainda se faz presente tanto no catolicismo, como no protestantismo, e mostra a manutenção, em alguma medida, dos papéis desempenhados pelo sacerdócio cristão na legitimidade e na consagração de alguns ritos – e de seus elementos – na mística e na liturgia cristã. Nesse sentido, é que entendemos que os campos conceituais dos autores aqui trazidos, ao invés de se repelirem, ajudam a explicar o fenômeno por perspectivas dialogais.

O recorte histórico aqui contemplado teve por objetivo provocar uma reflexão da força da consagração religiosa, que, à medida que expropria do leigo a experiência legítima da experiência religiosa, confere mais poder, aos discursos institucionais. Não se trata apenas de um recorte histórico, mas da força dos discursos perpetuados pelos grupos.

Como reflexão, devemos atentar ao fato de que a ritualização é muito forte ainda hoje, inclusive nas igrejas protestantes. Em muitas delas, a participação na celebração é restrita, podendo participar somente os batizados, em alguns casos, somente os membros da igreja local ou denominação. Além disso, só pastores e correlatos podem oferecer os elementos

Portanto, a ritualização que começou no início da era cristã continua até hoje. Houve mudanças nas relações de poder, outros atores surgiram, mas o leigo sempre foi colocado em posição de expectador e consumidor, afinal, manipular o mistério é somente para os autorizados.

Referências

AUDAZÁBAL, José. *A Eucaristia*. Trad. Lúcia Mathilde Endlich Orth. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

BETZ, Johannes. Fundamentos de dogmática histórico-salvífica: A igreja: 5 – Eucaristia: Ministério Central. FEINER, Johannes; LOEHRER, Magnus (ed.). *Mysterium Salutis*. Volume IV/5. Petrópolis: Vozes, 1977.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1987.



BROWN, Raymond E. *Introdução ao Novo Testamento*. Trad. Paulo F. Valério. São Paulo: Paulinas, 2004. (Coleção Bíblia e história. Série Maior).

CIRILO de Jerusalém. *Catequeses Mistagógicas*. Arquidiocese Ortodoxa de Buenos Aires. Disponível em: https://www.ecclesia.com.br/biblioteca/pais_da_igreja/s-cirilo-de-jerusalem-catequeses-mistagógicas.html. Acessado em 20/07/2021.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 18. ed. São Paulo: Loyola, 2009.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. 22. ed. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

GONZALÉS, Justo L. *Uma história do pensamento cristão: dos primórdios ao Concílio de Calcedônia*. vol. 1. Trad. Paulo Arantes. São Paulo: Cultura Cristã, 2015.

HIPÓLITO DE ROMA. *Tradição Apostólica de Hipólito de Roma: liturgia e catequese em Roma no século III*. Trad. Maria da Glória Novak. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1981.

INÁCIO de Antioquia. *Cartas de Santo Inácio de Antioquia*. Compilado e editado por Fraternidade Nossa Senhora do Bom Sucesso. <https://docero.com.br/doc/ne00cxo>, acessado em 20/07/2021.

JUSTINO, Mártir, Santo Justino de Roma. *I e II apologias; Diálogo com Trifão*. Introdução e notas Roque Frangiotti. Trad. Ivo Storniolo e Euclides M. Balancin. São Paulo: Paulus, 1995. (Patrística)

MAZZA, Enrico. Da Ceia do Senhor à Eucaristia da Igreja. BROUARD, Maurice (org.). *Eucharistia: enciclopédia da eucaristia*. Trad. Benôni Lemos. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2007.

PERROT, Charles. A Eucaristia no Novo Testamento. BROUARD, Maurice (org.). *Eucharistia: enciclopédia da eucaristia*. Trad. Benôni Lemos. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2007.

THEISSEN, Gerd. *Sociologia da cristandade primitiva: estudos*. Trad. Ivoni Richter Reimer; Haroldo Reimer. São Leopoldo: Sinodal, 1987.

WEBER, Max. *Economia e sociedade*. V. 1. Brasília: UnB, 2000.

ZILLES, Urbano (trad.). *Didaqué: catecismo dos primeiros cristãos*. Introdução, tradução do original grego e comentário de Urbano Zilles. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1983.